

## BASTIDE VÊ BERNANOS

GLÓRIA CARNEIRO DO AMARAL

Universidade de São Paulo

### Resumo

Neste texto ressaltam-se as afinidades entre dois franceses que moraram no Brasil, Roger Bastide e Georges Bernanos, e conta-se um encontro entre os dois em 1944, em Paquetá. Comentam-se, em seguida, os três artigos de Roger Bastide sobre o escritor francês, que tratam de sua atuação durante a Segunda Guerra e de sua visão católica do mundo e de seu romance *Monsieur Ouine*.

### Palavras-chave

Democracia,  
Segunda  
Guerra  
Mundial,  
*Monsieur  
Ouine*.

### Abstract

*The paper underscores the affinity between two Frenchmen – Roger Bastide and Georges Bernanos – who lived in Brazil and recounts a meeting between them in Paquetá in 1944. This is followed by comments regarding three articles written by Bastide about the French writer, addressing his activity during World War II, his Catholic world view, and his novel Monsieur Ouine.*

### Keywords

Democracy;  
World War II;  
*Monsieur  
Ouine*.

Comunicação apresentada no Colóquio: "Bernanos et le Brésil". Mesa-redonda "Bernanos e os intelectuais brasileiros". Rio de Janeiro, UFRJ, 22 de agosto de 1998.

Além de crer na França, Bernanos crê em Deus  
(*Diário de S. Paulo*, 4.5.1945)

Roger Bastide e Georges Bernanos: têm pontos comuns esses dois franceses, a começar seu período de permanência no Brasil, marcado por um interesse sério e sincero pela nossa cultura e respeito pelo país que os acolheu, o que não era uma regra geral entre os franceses que estiveram no país na mesma época. O professor endossa a homenagem do escritor, quando esse declara em *Le chemin de la Croix-des-Âmes*: "escrevo aqui como o teria feito em meu país", o que lhe parece prova simultânea de confiança no país anfitrião e no amor que tem pela França.

Chegaram ambos em 1938. Bastide convidado por Georges Dumas, um dos primeiros amigos de Bernanos. Permaneceram vários anos: o professor até 1954 e o escritor até 1945. Não restringiram seu contato aos grandes centros urbanos: ao interesse de Bastide pelo Nordeste corresponde a ligação do escritor francês pela região em volta de Cruz-das-Almas, as cidades de Juiz de Fora, Vassouras, Pirapora e Barbacena. Embora um seja protestante e o outro católico, a religião é um aspecto vital de suas visões de mundo.

Os artigos que Roger Bastide escreveu sobre Bernanos<sup>1</sup> inscrevem-se no âmbito de dois interesses seus: o primeiro, que poderíamos chamar de existencial, incide sobre a atuação dos franceses que estão no exterior durante a Segunda Guerra. O segundo é literário: sua atenção constante para as relações entre literatura e misticismo.

Por causa da guerra, a família Bastide ficou vários anos sem ir à França. Em torno de Arbousse-Bastide e da Aliança Francesa, formou-se em São Paulo um grupo que procurava se contrapor à influência alemã. Roger Bastide integrava esse grupo e seu posicionamento contra o governo de Vichy foi claramente assumido.

<sup>1</sup> O sociólogo francês escreveu cinco textos sobre seu conterrâneo, todos ligados ao período em que ele morou no Brasil: "Monsieur Ouine" (*Diário de S. Paulo*, 10.12.1943); "Itinerário da democracia: I- Encontro com Bernanos" (*Diário de S. Paulo*, 17.3.1944); "Le chemin de la Croix-des-Âmes (O Estado de S. Paulo, 13.5.1944); "A mensagem de Bernanos" (*Diário de S. Paulo*, 4.5.1945); "O último grito de Bernanos" (*O Estado de S. Paulo*, 6.6.1947).

Criou-se, aliás, uma situação difícil na colônia francesa, pois o diretor do Liceu Pasteur era pró-Vichy; o constrangimento chegou a tal ponto, que a classe *terminale*, que a filha de Bastide, Suzanne, estava cursando, acabou sendo dissolvida.

Segundo depoimentos de alunos, ele não se sentia à vontade na situação em que se encontrava, de francês de certa maneira exilado, enquanto o país enfrentava as dificuldades da guerra. Procura manifestar-se por meio de artigos em jornal sobre política e sobre arte e literatura francesa, e nas conferências que pronunciava na Aliança; essa divulgação da cultura francesa parecia-lhe uma forma de contribuição.

Há cerca de cinquenta artigos publicados na imprensa entre 1940-1945, centrados em temas ligados à guerra. Como o artigo "Água de Vichy engarrafada" (*Diário de S. Paulo*, 23.9.1944), em que fala sobre as relações internacionais francesas, divididas entre o governo de Vichy e a resistência. Os intelectuais são, na sua perspectiva, preservadores de valores e tradições culturais da França e têm um dever a cumprir, como declara em "Os escritores franceses e a guerra" (*O Estado de S. Paulo*, 27.4.1940). Escreve também sobre poetas da Resistência (*Folha da Manhã*, 2.6.1945), como Pierre Seghers; o enfoque é, no caso, nitidamente político: reconhece que os versos são desiguais, mas deve-se considerar a importância do depoimento poético do poeta prisioneiro.

Em março de 1944, Bastide escreve uma série de três artigos que se relacionam à preocupação com o papel do intelectual e cujo título é significativo: "Itinerário da democracia". Integram-se na viagem que o sociólogo francês fez ao Nordeste e que resultou em uma série de reportagens reunidas depois no livro *Imagens do Nordeste em preto-e-branco*, "uma viagem ideológica através das conversações", como ele classifica, justificando o termo itinerário, cada cidade constituindo-se num "marco de um itinerário da democracia". Articulam-se em torno de encontros com três escritores, Georges Bernanos, Jorge Amado, Gilberto Freyre, cada um deles revelando um aspecto do conceito em questão.

Apesar da seriedade do tema, o tom é ameno e os textos podem ser enquadrados num gênero a que estão muito afeitos os brasileiros, a crônica, e ao qual recorria com frequência o francês Bastide. Sua estrutura é muito semelhante: uma descrição do espaço e a discussão do conceito.

O primeiro dos encontros, com Bernanos, se dá num local, à beira-mar, em Paquetá, onde se bebe cerveja, e que Bastide chama, muito francesamente, de "café". As crônicas bastidianas apresentam sempre trechos em linguagem poética, de imagens delicadas, como este que se segue, e descreve a praia em frente a esse bar:

Ouvi-o [Bernanos] sob as árvores de um café, junto à praia, enquanto os filhos dos cariocas em férias brincavam com as vagas do oceano, as jovens transformavam a espuma branca em maiôs de renda e, em volta das mesas de madeira, onde as folhas e o sol, alternando-se, fabricavam toalhas de manchas coloridas e arlequinadas luminosas, homens do povo sorriam bebidas com longas palhas.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> As traduções dos textos de Bastide, que escrevia sempre em francês, são bastante irregulares: muito provavelmente este "bebidas em longas palhas" devia ser em francês "de longues pailles"; ou seja: "canudos compridos".

O cenário dos outros encontros é igualmente informal: a casa de Jorge Amado, na Bahia, e a de Gilberto Freyre, em Recife. O olhar francês de Bastide deslumbra-se com a vegetação brasileira, descrita em cores e aromas efusivos e tropicais.

A partir da visão que tem dos escritores e dos espaços, o sociólogo francês tece considerações sobre a democracia e apresenta aspectos que, na sua perspectiva, constroem esse conceito. Saindo da casa do sociólogo Gilberto Freyre, suas observações sobre a população que o rodeia no bonde, aliadas às que faz sobre o Carnaval, permitem-lhe conclusões sobre o plano social da democracia. A cozinha baiana, saboreada na casa de Jorge Amado, cuja cozinheira é filha-de-santo, que lhe prepara pratos de candomblé e será tema de um outro texto, leva-o a considerações sobre o folclore, a cultura e as relações entre democracia e estética. Esses aspectos da democracia apresentam-se, portanto, ligados a uma observação de elementos que, para Bastide, são também traços de uma brasilidade.

De outra natureza são as considerações tecidas quando do encontro com Bernanos. A começar pelo fato de que é o único dos três escritores com voz no texto: "ouvi-o", declara no trecho já citado. A partir de um pequeno incidente, uma garrafa de cerveja quente, trazida pelo garçom, surgiu uma discussão, e Bernanos declarou ter protestado não pela cerveja quente, mas pela mentira de se ter anunciado uma cerveja falsamente gelada: "o cristão não aceita a mentira". Um incidente corriqueiro que levou a uma reflexão sobre a questão moral da verdade e da mentira. E à conclusão de que, para o escritor francês, a democracia não é só de ordem política, mas também de ordem moral e cristã.

Aí estão os três pontos do "itinerário da democracia" tal como nos propõe Bastide: um conceito que tem aspectos éticos, estéticos e sociais.

Se os outros encontros resultaram provavelmente de convites e não tinham uma finalidade precisa, em relação a Bernanos o sociólogo francês tinha uma intenção: dizer ao romancista como suas mensagens na BBC de Londres foram importantes para ele, quando se sentia exilado durante a guerra.

A partir da atuação cívica de Bernanos durante a guerra e de sua visão católica do mundo, esboça-se nesse artigo, sedimentando-se nos outros três (sempre deixando para depois o artigo sobre o romance *Monsieur Quine*), o perfil que Bastide traça do escritor conterrâneo: um profeta cujo brado é impregnado de emoção, de cólera ou de desgosto, e ao qual não se pode passar indiferente. Torna-se um símbolo da preservação dos valores franceses, no exterior, durante a guerra, cuja palavra, como dissemos, era escutada com avidez via BBC. Não é só Bastide que admira nele o resistente, o participante da *Action Française*. Sua atuação foi significativa o bastante para que Albert Béguin, responsável pela edição de 1955 de *Monsieur Quine*, qualifique-o de "inspirador espiritual da Resistência".<sup>3</sup>

Em "A mensagem de Bernanos", suas qualidades de orador são ressaltadas:

Bernanos utiliza os acontecimentos, para com sua voz profética e apaixonada, clamar sempre as verdades que brotam do mais profundo da alma da França e do seu coração de católico e, conseqüentemente conservar uma atualidade permanente.

<sup>3</sup> Hubert Sarrazin, *Bernanos no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1968, p.10.

Qualidades certamente fortes, pois a última parte do livro de Hubert Sarrazin é “A voz de Bernanos”, composta de um único artigo, de 1948, assinado por Augusto Frederico Schmidt, no qual lemos uma descrição do orador em ação:

As palavras saíam-lhe da boca como dardos, como flechas visando seres, visando instituições, procurando definir e configurar o mal. No ato de verberar, Georges Bernanos realizava-se, encarnava a sua legítima, a sua verdadeira vocação que era não apenas a de escritor, a de homem das letras mas principalmente a do profeta.<sup>4</sup>

Descrição que nos faz ler em outro tom a citação que Bastide destaca de “La France contre les robots”, resenhado num artigo cujo título já chama atenção para a força de sua oratória, “O último grito de Bernanos”: “Imbecis! Compreendei que a civilização das máquinas é também uma máquina e todos os seus movimentos são sincronizados!”.

Neste livro, o último escrito no período brasileiro e dedicado ao comitê da *France Libre* do Rio de Janeiro, a concepção de resistência amplia-se, extrapola as fronteiras dos países para, no mundo moderno, tornar-se universal. Segundo o resenhista, a obra segue uma lógica passional ao declarar-se contra a robotização. Manifestando-se contra os Estados Unidos e contra a Rússia, parece a Bastide que Bernanos passa por cima dos sintomas para atingir o Mal em sua essência, como no caso da cerveja quente. A liberdade não é uma idéia, mas a essência da dignidade humana. E a democracia transforma-se, por meio do maquinismo, em tecnocracia e tirania. O corpo amplia-se e engole a alma. Daí a pertinência e a utilidade do “grito de Bernanos”.

Configura-se então, nesses artigos, um perfil de Bernanos como “o homem que não transige com o Mal” e que o denuncia onde ele aparece. Bastide admira-lhe a inteireza de caráter. Por isso, sua concepção de democracia estende-se do campo político para o ético; por isso, não transige, grita e denuncia as mentiras; por isso, segundo Bastide, ter-se-ia o escritor afastado da *Action Française*, no momento em que os defensores da democracia, ocultando outras razões sob a capa de interesses militares ou diplomáticos, lançaram-se em alianças nem sempre desejáveis.

Os dois outros artigos, de maio de 1945, um para o *Diário de S. Paulo*, outro para *O Estado de S. Paulo*, tratam ambos da publicação de artigos de Bernanos, escritos entre 1940 e 1942, reunidos sob o título de *Le chemin de la Croix-des-Âmes*, ainda a reforçar a ligação do escritor francês com a residência mineira, cuja lembrança está intrinsecamente relacionada às suas paredes: “Seria o bastante se minha recordação perdurasse tanto quanto as paredes da minha querida moradazinha da Cruz das Almas, que por certo não foi construída para desafiar os séculos”.<sup>5</sup>

Duas resenhas, no mesmo mês, sobre o mesmo livro, mas que não se repetem, antes se complementam. Numa delas, acentua-se o caráter político; na outra, abre-se espaço para uma perspectiva individualizada e um enfoque psicológico.

<sup>4</sup> *Idem, ibidem*, p. 214.

<sup>5</sup> *Idem, ibidem*, p. 10.

A noção de liberdade política em Bernanos liga-se a uma metafísica. O homem foi criado à imagem de um Deus demiurgo que do nada e do caos faz sair o ser. Assim a liberdade deve sair do nada e criar “uma ordem imprevisível”. A missão da França, abalada momentaneamente após a guerra, é ensinar ao mundo essa noção de liberdade. Onde se infere a alta conta que Bastide tem do papel que a França deve desempenhar no panorama mundial: “A missão providencial da França consiste em inquietar, despertar e impedir que durmam”; “A queda da França não é uma questão de família [...] é um problema universal”.

Trata-se, porém, de uma noção de liberdade perigosa, pois engendra uma explosão das forças inconscientes do ser. Fazer emergir forças subterrâneas do eu é uma perspectiva para a qual Bastide se volta mais de uma vez, sobretudo quando trata de poesia e expõe a sua concepção do ato de escrever. Dois anos antes na introdução à *Poesia afro-brasileira*, assim apresenta essa ligação:

Escrever é trazer das profundezas do eu todos os tesouros escondidos, todas as flores noturnas do subconsciente e é também, consequentemente, acordar todos os demônios e os deuses ocultos, é libertar os antepassados recalçados.

E se Bernanos aceita então esse risco de mergulhar nas profundezas do ser é porque confia no eu profundo da velha França revolucionária. E crê em Deus, acreditando que a Revolução se assemelha a uma crise interior. A formulação desses conceitos certamente precisaria de um espaço maior do que o do jornal, o que faz que algumas ligações não fiquem muito claras, como essa da Revolução com a crença religiosa, que culmina com a afirmativa de que, para Bernanos, “ter medo da Revolução é pensar que o Diabo possa ser mais forte do que Deus”.

De qualquer forma, Bastide não se propunha a uma análise dos artigos reunidos e escritos com “carne e sangue”, mas sim articular algumas reflexões a esse respeito, refletir junto com esse homem que está “comprometido com o nosso tempo”.

O tema central de *Le chemin de la Croix-des-Âmes* é o Mal, que deve ser denunciado onde aparecer, o que Bernanos faz de forma constante. É nessa perspectiva que o escritor apresenta interesse para Bastide; inclusive em sua literatura.

*Le chemin de la Croix-des-Âmes* apresenta-se, aliás, como uma forma de entrada na compreensão da literatura de Bernanos. Bastide acha que textos que parecem ser de menor relevo podem se mostrar uma via de entrada profícua para a crítica literária. Percurso que o sociólogo já utilizara antes, como ele mesmo explica. Para se compreender a poesia de Mallarmé, é útil ler os textos do seu “*journal de modes*” e suas descrições de vestidos de noiva; poderíamos acrescentar outro exemplo que são os textos jornalísticos de José Lins do Rego e que esclarecem aspectos de sua obra literária, revestindo-se, na óptica bastidiana, da mesma importância.

Finalmente, é ainda o Bernanos para quem o Mal existe que sugere as reflexões de Bastide sobre o romance *Monsieur Quine*. O romance parece-lhe um livro intrigante, ao qual não faltam possibilidades de abordagem. Pode ser enfocado de um ponto de vista psicológico: a cólera é uma manifestação desesperada de amor.

Ou então por meio de uma estética de romance católico, mostrando a impossibilidade de uma estética da graça e permitindo uma análise do pecado. Essa pers-

pectiva não é nova na crítica literária bastidiana. Os primeiros textos, dos anos 1920, interrogavam-se sobre a possibilidade de uma estética protestante em contraposição a uma estética católica. Em 1935, num artigo intitulado “Les héros de Mauriac”, Bastide analisa o tema da Graça e do pecado na obra de Mauriac que, na sua opinião, vai mais longe do que Gide e Proust no que concerne à psicologia do inconsciente.

*Monsieur Ouine* pode também ser visto como romance policial, à maneira dostoiévskiana. Embora nos romances do escritor russo o mistério se esclareça e aqui a atenção esteja concentrada na repercussão do crime na alma humana.

Sociologicamente, o romance apresenta o retrato de uma paróquia interiorana, por trás da qual podemos ver a Igreja em seu conjunto.

Estruturalmente – e vemos aqui uma preocupação de crítico literário –, o romance articula duas intrigas: a policial, que se ocupa em resolver o assassinato do jovem pastor, e uma outra, que se desdobra na esfera do sobrenatural. É essa última que interessa a Bastide.

A burguesia contemporânea aceita um Deus, cuja idéia não seja antagônica a uma visão racional do mundo. Assim, são colocados de lado o sobrenatural e a idéia de diabo. Bernanos, no seu romance, tem a coragem, diz Bastide, de recuperar essa idéia.

*Monsieur Ouine* é uma personagem misteriosa, rodeada de uma áurea de po-dridão, que espreita os homens e se interessa por suas almas. Pode ser a definição do satã bernanosiano, um satã que gela. Sua agonia reveste-se, aos olhos de Bastide, de uma significação cósmica: a destruição de satã, o desejo que se autodestrói. O papel desempenhado por *Monsieur Ouine* é o de um catalisador de decomposição, que transforma o meio social em cultura de bactérias e de mofo. Trata-se de uma decomposição que se alastra e atinge o próprio sobrenatural, contaminando a Graça e o divino. O crítico lança mão de uma metáfora forte para descrever a obra:

Romance bacteriológico, portanto: estudo de certo modo químico da decomposição espiritual [...] análise clínica da gangrena que ataca, primeiro o homem, e em seguida a sociedade, para dissolvê-la em miasmas pútridos.

É possível pensar, como em outros momentos da crítica bastidiana, em ecos de leituras baudelairianas, pela ênfase dada à decomposição, que, como vimos, não se limita à matéria. Ecos que repercutem também na imagem de *Monsieur Ouine* não como “um Satã que queima, mas um Satã que gela”, à maneira do romance de Laclos, que “*ne peut brûler qu’à la manière de la glace*” na linguagem baudelairiana.<sup>6</sup>

A visão que Bastide tem do romance não é, no entanto, plana, pois identifica nesse romance “bacteriológico” momentos de poesia e de doçura, ligados à descrição da natureza. Como acontece com frequência em sua crítica, emprega uma linguagem poética no tratamento da paisagem: “Pureza da paisagem, da bruma sobre

<sup>6</sup> Charles Baudelaire, *Œuvres complètes*, Paris, Seuil, 1968, p. 644.

a doçura dos vales, sobre a água corrente, como se a natureza escapasse à condenação que pesa sobre os homens”.

Teria o texto de Bastide tido repercussão no panorama da crítica literária brasileira, chamando atenção para o romance? Podemos pensar que talvez tenha sido o inspirador do ensaio de Antonio Candido, “Paixão dos valores”, o último de seu livro *Brigada ligeira*, de 1945, dois anos, portanto, posterior à resenha de Bastide para o *Diário de S. Paulo* e também, conforme anunciado na sucinta explicação de abertura, “artigo de circunstância, feito para atender às exigências do rodapé semanal”.

Há pontos comuns na visão que ambos os críticos têm do romance. O título já nos mostra isso: “Paixão dos valores”. Antonio Candido também chama Bernanos de profeta e ressalta o apodrecimento dos valores e a “putrefação de crenças e idéias”. Se podemos detectar ecos baudelairianos na crítica bastidiana, aqui, para o crítico, a personagem central se apresenta como o farol de Baudelaire. Sua afirmativa é ilustrada por um quarteto do poeta francês. Mas Antonio Candido volta-se mais para os aspectos literários do que para a metafísica do romance. Ressalta a sua atmosfera onírica que se impõe em vários momentos e analisa mais de perto as personagens. O entusiasmo pela obra é igualmente significativo e explicitado na frase final em que o aponta como “um dos romances capitais do nosso tempo”.